

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Director-Presidente

ALFREDO C. DE F. ALVIM

Gerente :

YELVA P. DE SÁ FREIRE

Redacção : RUA 7 DE SETEMBRO, 174

Officinas : RUA DO CARMO, 55-A

ASSIGNATURAS :

Para os Estados	}	um anno.....	10\$000
		6 mezes.....	6\$000
Para o Districto Federal	}	um anno....	9\$000
		6 mezes....	5\$000
União Postal.....			12\$000

SUMMARIO

—	Programmas novos
Monsenhor João Pio...	O Ensino Leigo
J. C. Costa Sena....	O ensino da geographia
Jonathas Serrano.....	Saber ler e escrever
Abilio B. Alencar.....	Grandezas proporcionaes

Mestre Escola.....	Tres palavrinhas
Othello Reis.....	Educação do homem e do cidadão
Othello Reis.....	Geographia
Virginia I. Paula Rosa	Lingua materna
Olympia do Coutto....	Arithmetica

Programmas novos

A disposição da lei que institue a revisão biennial dos programmas das escolas primarias é frequentemente visada pelas censuras e reclamações do corpo docente, que jamais pode executar da primeira á ultima classe um plano de ensino. Queixam-se os professores de que mal se vão adextrando em um programma, quando poderiam começar a colher fructos do esforço despendido para organizar segundo a norma estabelecida seus conhecimentos e seus planos individuais, desaba nova distribuição das disciplinas por pontos, indo para o terceiro anno o que estava no quarto, para o quarto o que pertencia ao segundo, e assim por deante.

Realmente, são patentes por toda parte os males das remodelações, da base á cumieira, dos programmas. Concebe-se a revisão, sim, mas para se fazerem aqui ou ali as alterações que a pratica fôr ensinando, pois nenhum programma pode ser a priori bom ou mau : é preciso experimental-o, verificar-lhe as falhas, as deficiencias, os erros. Debalde commetteremos aos mais eminentes sabios, aos mais perspicazes pedagogos a feitura de um plano de ensino inteiramente novo : sahirá obra em que o coefficiente do arbi-

trario, da paixão, da fantasia excederá forçosamente o limite toleravel.

Não se pode comprehender mesmo que com tanta facilidade estejamos a improvisar programmas sempre novos e diversos uns dos outros, quando em todos os paizes é essa uma empreza que só se leva a cabo depois de maduramente meditada e discutida.

Aos administradores superiores nem sempre é facil perceber com justeza as queixas dos subordinados. Por isso é que destas columnas queremos apresentar ao sr. dr. Carneiro Leão os votos da quasi unanimidade do magisterio, que deseja sejam melhorados os programmas por aperfeiçoamentos lentos e continuos e não pelo processo das metamorphoses, frequentemente perigoso. Oíça s. ex. com interesse a opinião de alguns professores e perceberá o mal que trazem ao ensino taes metamorphoses. Busque no archivo da repartição a que preside os programmas que se têm succedido sem que haja tempo nem mesmo de se dizer se são bons ou maus, e ha de convencer-se do que lhe vimos hoje expôr em nome dos professores.

1-IDÉAS E FACTOS

O Ensino Leigo

Em uma das ultimas sessões do Congresso Mineiro, ao ser submettido á discussão, o novo regulamento do ensino, o illustre senador padre João Pio pronunciou o seguinte discurso:

«O SR. JOÃO PIO:—S. P., surpreendido hontem com a entrada em discussão do regulamento do ensino, e sendo de tamanha relevancia o assumpto, sinto não estar preparado, quanto era necessario, para discutir a materia com a elevação digna do Senado, e como sacerdote, character de que sobremodo me prézo.

O regulamento do ensino, em debate, é trabalho digno de encomios: attendeu á palpitante necessidade da instrucção do povo; nas suas minudencias, traça normas para regularizar a difusão do ensino. E' trabalho acabado, ao qual nada se pode accrescentar e que, por si, honra os seus autores.

Entretanto, ha nelle uma palavra que me traz á tribuna. Diz o regulamento: o ensino será obrigatorio e leigo.

A palavra leigo significa em vernaculo: primeiro, o que não tem ordem sacra; segundo, o que não é clerical, e, em terceiro logar, individuo ignorante em determinada materia.

Carlos Maximiliano, nos seus Commentarios á Constituição, dá á palavra leigo a significação de indifferente á religião, que a Constituição ignora: não reconhece Deus, nem vida futura. Tanto é assim que affirma não poder o governo equiparar collegios, onde se ensina a religião, aos institutos officiaes. Dá, portanto, a leigo a significação de atheu, fál-a synonymo de atheu.

Si é esta, Sr. Presidente, a significação da palavra leigo, exarada no regulamento do ensino, não posso, como representante de Minas catholica, como sacerdote, como um estudioso dos problemas philosophicos e sociologicos, votar esse regulamento (Muito bem).

O SR. OLYMPIO MOURÃO.—Nem o

Senado o approvaria com essa significação (Apoiados geraes).

O SR. JOÃO PIO:—Não o votaria, ainda que me fosse necessario assumir attitude de opposição a todos os meus amigos politicos, romper com a corrente politica a que me acho intimamente ligado, porque acima de tudo estão os principios, as minhas convicções, o meu character de sacerdote e a crença firme na existencia de Deus e na vida futura. (Apoiados! Muito bem).

A esse regulamento com a palavra leigo, synonymo de atheu, não daria sua assignatura o Snr. Dr. Mello Vianna, cujas crenças christãs, posso affirmar, são sinceras (Muito bem). Não seria publicado pelo illustre mineiro, Dr. Olegario Maciel, um codigo de ensino que proscrevesse a idea de Deus (Apoiados).

A palavra LEIGO não tem a significação franceza, porém sim a interpretação que lhe dá Barbalho nos seus Commentarios á Constituição, dizendo, ás pags. 313 e 314: «Esse sentimento, em grau razoavel e sem exclusivismo de seita, se pode e deve cultivar mesmo na escola leiga. Esta não professa o atheismo nem faz propaganda em pról de umas contra outras religiões; ella não repelle as idéas religiosas e moraes que são o patrimonio commum das seitas mais conscienciosas e esclarecidas, principios universaes, abraçados por todas as convicções e que estão no espirito do seculo.

Si o mestre não tem que catechisar, —e isto a outrem caberá que não a um funcionario do Estado,—não se segue dahi que, devendo formar o coração do discipulo, se abstenha elle de inculcar-lhe a idéa do dever, os sentimentos moraes, que são o apanagio das sociedades bem ordenadas, e que recebem a influencia do espirito religioso.

Assim, a escola não ensinará maximas intolerantes, não inspirará aos alumnos o odio aos que professam religião diversa, não entrará no hieroglypho dos dogmas; mas, professará, sem quebra da neutralidade que ella deve guardar entre

todas as confissões, o respeito por todos os direitos e liberdades legitimas, o amor do proximo sem distincção de crenças, a fraternidade dos povos e raças, a caridade para com todos, a responsabilidade pessoal, o amor á ordem, o respeito á lei e aos superiores, o patriotismo, a pratica do bem e da virtude, emfim. Um ensino assim nada tem de ante-religioso e está mui longe de comprometter a segurança e o futuro do Estado; ao contrario, o ampara e o escuda».

Ao envez, pois, de Carlos Maximiliano, Barbalho, autorizado constitucionalista, não dá á palavra leigo a accepção de atheu.

O SR. GETULIO CARVALHO:—Leigo está empregado no sentido constitucional, isto é, no que lhe dá a constituição.

O SR. JOÃO PIO:—Perdão, estou citando duas interpretações differentes, contrarias, feitas por dous constitucionalistas; portanto, ha divergencia na exegese da palavra leigo.

Aliás, Snr. Presidente, Leroy Beaulieu, no seu livro L'ETAT MODERNE ET SES FONCTIONS, estabelece clara e positivamente o meu pensamento, quando diz á pags. 295:

«A laicidade do Estado não implica a hostilidade contra a religião, nem a malquerença, nem mesmo a indifferença; ella assignala somente a independencia. Mas, do facto de serem duas pessoas independentes uma da outra não se conclue que devam ser inimigas, nem tampouco que devam deixar de ter entre si quaesquer relações.

Uma sociedade em que o Estado e a religião se acham em lucta não póde deixar de ser uma sociedade profundamente abalada; de outro lado, uma sociedade onde a religião e o Estado pretendem ignorar-se mutuamente é quasi uma sociedade impossivel».

«O Estado atheu é cousa muito diversa do Estado leigo Póde-se discutir á vontade sobre a significação desta formula: tanto pela etymologia como pela concepção popular, só tem ella um sentido, o da negação da divindade e quanto com esta se relaciona; não implica a indifferença, implica a hostilidade».

E' evidente, pois, que Leroy Beaulieu não communga as ideas de Combes, Waldeck Rousseau, Briand, Clemenceau, e outros, que envolveram o atheismo na

laicidade, que para elles é a indifferença completa, o esquecimento absoluto de tudo que é Deus, alma, vida futura.

Ha quem diga que a expressão— ensino leigo,—significa não poder o professor ensinar uma determinada religião. Não é tal o sentido acceto pelo codigo de ensino, como se depreheende claramente do art. 489:—No edificio das escolas publicas, ou particulares subvencionadas, PODERÁ SER MINISTRADO PELO PROFESSOR, ou por outrem, o ENSINO DA RELIGIÃO da maioria da localidade.

Este dispositivo dirime a questão e torna claro o sentido da palavra leigo, (Apoiados! Muito bem).

O SR. ALFREDO CATÃO—A palavra leigo tem accepção amplissima em portuguez, applicando-se até para distinguir o juiz togado do não formado.

O SR. JOÃO PIO.—Não é tanto assim. O estudo de direito se fazia, em Portugal, na Academia de Coimbra, e os estudantes de direito tinham habito talar, vestiam batina, eram clerigos, não eram leigos. Leigos eram aquelles que cursavam aulas e se formavam sem as honras de clerigos, alguma cousa como o bacharel e o doutor de borla e capello. Dahi veio o chamar-se leigo ao juiz não formado ou illetrado. Entretanto, não é propria a occasião para discutirmos philologia e grammatica historica.

Voltando ao assumpto, Sr. Presidente, fique bem esclarecido, como elemento historico, que nem o Dr. Olegario Maciel, nem o Dr. Mello Vianna, nem o Congresso Mineiro, jamais approvariam e assignariam um regulamento atheu, para ser applicado ao ensino do povo mineiro. (Muito bem).

DIVERSOS SENADORES— E' este o pensamento do Senado.

O SR. MIGUEL LANA.—V. Excia. está discutindo brilhantemente.

O SR. JOÃO PIO—Muito obrigado. A opinião de V. Ex. sobremodo me pehora.

Já que o Senado me honra com benevolente attenção, pediria venia para dizer com toda franqueza, que o ensino religioso devia de ficar, na escola, a cargo dos ministros da religião, uma vez que, como quer o regulamento, se attenda á crença da maioria dos alumnos, não se obrigando um catholico a lições

protestantes, nem um protestante e aprender o cathecismo. (Muito bem).

Mas o professor publico primario devia ser obrigado o instillar no espirito das creanças a creença na existencia de Deus e na immortalidade da alma. (Muito bem! Apoiados).

Deus e a vida futura são noções basicas na educação : não ha systema philosophico algum que possa substituir a idea de Deus e da immortalidade da alma, disse um escriptor de nota. (Muito bem).

Um individuo culto, com um systema philosophico em que não cogite da idea de Deus, pode ser um homem de bem, um homem honrado, um bom cidadão; mas, para educar e instruir a creança é forçoso gravar-lhe n'alma a creença em Deus: educar a creança sem Deus é formar monstros, é lançar as bases para essas doutrinas subversivas que se resumem no sovietismo, é formar criminosos. (Apoiados).

Fale por mim uma auctoridade de alto valor, um mestre de direito criminal, o celebre Proal, em cujo livro LE CRIME ET LA PEINE leio a seguinte pagina:

«Assim, longe de pensar que a instrucção, separada das creenças espiritua-listas, possa supprimir a criminalidade, receio que a augmente.

Creio, com Julio Simon, que não ha como as fortes creenças para tornar o homem melhor, e que nem a physiologia nem a historia natural, nem o culto do bello, poderão dar a força moral que o homem encontra na fé ao dever, a Deus, e ao livre arbitrio, e na esperança de uma vida melhor. Nem o positivismo, nem o darwinismo, nem o agnosticismo, nem o phenominismo, nem o epicurismo

intellectual, nem o amadorismo literario, nem o scepticismo sentimental podem consolar o homem, fortifical-o e preserv-o do crime e do suicidio. A moralidade tem necessidade de um ponto de apoio, que ella só encontra em Deus, na creença, no dever, na liberdade e numa vida futura. Todas as doutrinas que negam a Deus, a alma e o livre arbitrio, abalam a moral, arrefecem os nobres sentimentos, diminuem a repugnancia para o mal».

Poderia ainda trazer á baila varios outrós autores insuspeitos, como o positivista Maedslay, que, em artigo estampado na Revista Philosophica de Abril, 1884, assevera que O SENTIMENTO RELIGIOSO É UMA GRANDE FORÇA MORAL, OPPOSTA AO EGOISMO. Renan no seu livro OS APOSTOLOS, afirma: ACAUTELEMO-NOS DE CUMPLICIDADE NA DIMINUIÇÃO DA VIRTUDE, que ameaça a sociedade. Si o christianismo se enfraquece, que seriamos nós sem elle? Oliveira Martins, Sr. Presidente, no SYSTEMA DOS MYTHOS, tem uma pagina admiravel que deixo de citar na integra ao Senado, mas que resumo, dizendo que supprimir a idea de Deus é substituir pelo punhal, pela dynamite e pelo revolver a educação do povo. Supprimir a immortalidade da alma do espirito do povo é indicar-lhe o caminho para o suicidio ou para as doutrinas subversivas da ordem e da lei. (Apoiados, muito bem!)

Seja-me permittido citar um nome respeitado e insuspeito, qual o do protestante Guizot para que a instrucção seja verdadeiramente boa e socialmente util, cumpre que seja profundamente religiosa, que a educação popular seja recebida e dada no seio de uma atmospheria religiosa, e que os sentimentos e

costumes religiosos nella penetrem por todos os lados. Nas escolas primarias deve a influencia religiosa estar toda hora presente, sem o que desaparece o valor moral da escola, e esta se acha a pique de se tornar um perigo.

Quizera pois que, em logar de ensinar o professor a religião da maioria dos alumnos, fosse obrigado a derramar no espirito das creanças a idea de Deus e da vida futura. (Muito bem).

E' a idea basica de todas as religiões e seitas e de todo o systema philosophico que pretendam guiar as consciencias. (Apoiados! Muito bem).

A creença na divindade, as responsabilidades de uma vida futura, na qual se prestarão contas dos actos máus, é a melhor saneção para os actos humanos. O terror de uma divindade punindo os máus foi, em todos os povos, através de todas as civilizações, a origem da pena no direito criminal: as Ordalias se fun-

davam nesse temor, bem como as provas de fogo e o proprio duello.

Infeliz da sociedade, descrente da vida futura: descambará para o mais grosseiro materialismo, e applicando a si mesma O EDAMUS ET BIBAMUS, CRAS ENIM MORIEMUR se entregará a todos os prazeres, a todos os vicios, a todos os crimes.

Afastemos do espirito das creanças, desde o berço e na escola, a creença na existencia de Deus e na vida futura, e amanhã Minas deixará de ser a terra benedicta; amollecido o character dos seus filhos, perdido o culto da ordem e do dever, obliteradas as noções de honra, Minas não será a terra de que nos ufanamos; perderá esse nome tão zelado pelos nossos antepassados e com que nos aureolamos, cheios de santa ufania. (Muito bem! O ORADOR É VIVAMENTE CUMPRIMENTADO E ABRAÇADO PELOS SRS. SENADORES).

QUEREM COMPRAR BARATO?

Façam uma visita as nossas casas

Pyjamas finos desde	18\$500
Roupão para banho, desde	28\$000
Toalhas de banho alagoanas, desde	9\$500
Toalhas de rosto felpudas, desde	2\$500
Colchas de côres para pensões a	10\$500
Tapetes para quartos a	18\$500

CAMISAS PARA HOMENS

Camisa de percal a	10\$500
Camisa zephir crépe	13\$800
Camisas linho e seda	28\$500
Meias de seda para senhora (par)	4\$500
Camisas para meninos, desde	9\$500
Meias de seda c/ costura	5\$500
Meias toda de seda com baguet	12\$500

MEIAS PARA CRIANÇAS

Meias de seda todas as côres, até 5 annos (par)	3\$500
Meias todas as côres, de 6 a 7 annos (par)	4\$500

E' de todo impossivel mencionar os preços de todos os artigos, porém, pedimos para beneficiar o publico que façam uma visita aos nossos ARMAZENS á AVENIDA PASSOS, 21 (quasi esquina de Luiz de Camões).

54-A — AVENIDA PASSOS — 54-A

— CASA CIRIO —

Grande sortimento de artigos dentarios

Perfumaria e cutilaria
finas

Importação directa dos Estados Unidos e Europa

Julio Berto Cirio

RUA DO OUVIDOR, 183

Telephone N. 1317 Norte—Caixa Postal n. 15

END. TELEG. CIRIO

RIO DE JANEIRO

II — A ESCOLA

O ensino de geographia

O ensino de geographia, em nossas escolas, ainda se resente de falhas e defeitos, que devem quanto antes desaparecer.

Diga-se, em bem da verdade, que taes imperfeições não são exclusivas do ensino elementar, mas se estendem, comquanto attenuadas, ao curso secundario.

Pode dizer-se que, da melhoria de methodos modernos, ella é a disciplina que menos tem sido beneficiada.

Os compendios usados em seu estudo são os mesmos de trinta annos atrás e alguns modernos, que têm vindo a lume, salvo raras excepções, não modificaram de modo sensível a antiga orientação.

Já se faz, nas escolas, um pouco de cartographia, progresso evidente; mas se insiste no ensino numerico e, em muitos casos, abstracto, inteiramente improductivo, senão contraproducente.

Inauguramos o seu estudo por definições, via de regra pouco comprehensíveis, isto é, por meio de syntheses, quando o seu ensino deve ser analytico e descriptivo.

Vale dizer que começamos pelo fim e ensinamos ás avessas, pois já affirmou um entendido nesses assumptos que são necessarios annos de analyses para um dia de synthese.

Mas o que é de todo o ponto injustificavel no ensino da geographia como actualmente é dado, é o logar secundario que occupa o homem no seu desenvolvimento.

E' preciso que a tornemos uma sciencia menos distante e em vez de defini-la como—sciencia que trata de descripção da terra— definição extensa e imprecisa, digamos singelamente que ella descreve a terra como nossa casa, como faz um geographo eminente.

E melhor será assim; si conhecemos bem a nossa casa é porque a co-

nhecemos praticamente e não por meio de definições decoradas.

A geographia é, sem duvida, sciencia que exige, para seu perfeito conhecimento, calculos difficeis e complicados, mas não é assim que ha de ser dada na escola primaria.

Nas classes inferiores, deve ser leccionada como lição de coisas; nas mais adeantadas, por meio de descripções impressivas, auxiliada por leituras attractivas.

Descreve-se geralmente a terra como todo immutavel no decurso do tempo.

Os rios nos apparecem com os seus leitos já excavados e seguindo sempre o mesmo curso; as ilhas surgiram em meio do oceano e não se modificam; os continentes sempre tiveram a mesma forma e assim se perpetuam. Nenhuma referencia aos grandes cataclysmos que transformaram a face da terra e principalmente á acção dos outros factores permanentes que a estão modificando continuamente.

Em uma palavra: apprehendemos da terra a parte estatica e deixamos despercebidos os seus phenomenos dynamicos, justamente os mais interessantes.

Outro inconveniente serio, que precisa ser banido quanto antes, é o habito de recitar de cór grande numero de nomes e accidentes geographicos, muitos dos quaes de importancia somenos.

Esse abuso de nomenclatura geographica é um mal que vem de longe e que concorre para tornar a aprendizagem da geographia arida e enfadonha.

Trabalho exhaustivo, inutilmente imposto ao espirito das crianças, reminiscencia tenaz de processos ha muito condemnados.

Felizmente uma reacção natural, denominada pelos technicos *amnesia retrospectiva*, faz esquecer em dias o que se levou mezes a repetir automaticamente.

E' tempo de mudar de rumo e de renovar o ensino de geographia entre nós.

Deve ensinar-se, na escola, o ne-

cessario para a vida pratica e, portanto, o que não se esquece nunca.

Do estudo dos varios paizes ficamos as linhas geraes, as impressões de conjunto; apagam-se as minucias, eliminadas como residuos imprestaveis.

Convençamo-nos de que o só nome, sem um caracteristico que o assignale, não nos impressiona.

Si quizermos gravar na memoria uma denominação qualquer, associemos a ella um facto importante, um pormenor pittoresco, uma particularidade notavel. E' preciso abastecer a cabeça de nossos alumnos de idéas e factos e não de nomes e abstracções.

A par disso, façamos conhecer os povos pela sua physionomia propria, por seus recursos naturaes e industriaes, pelas suas instituições sociaes e politicas.

Só assim, ensinando geographia humana, economica e politica, faremos trabalho util e duradouro.

Isto exige, é claro, esforço, leitura e entusiasmo, pois só o mestre pode animar a lição do compendio, por mais perfeito que elle seja.

E' com o intuito de contribuir para essa reforma urgente, que traduziremos para esta revista, adaptando-os, alguns capitulos de uma obra modelar no assumpto.

J. C. DA COSTA SENA.

Saber ler e escrever

Um dos phenomenos mais curiosos que se observam não raro entre docentes, quer do magisterio primario, quer do secundario (seria descabido fazer aqui referencias ao ensino superior, dada a índole desta revista) é o *esquecimento da finalidade dos cursos*.

A critica pode e deve estender-se á grande maioria das materias ensinadas, e não somente ao estudo da lingua vernacula, de que nos propomos aqui tratar com mais particular attenção. Não é apenas aos docentes—resalvadas, como

sempre, as excepções honrosas, tanto mais admiraveis quanto mais raras—, não é, dizemos, unicamente aos mestres, mas ainda aos compendios, e até aos programmas que, em boa justiça, se applica a censura. E diga-se tambem desde logo, para não exaggerar a verdade, que muito mais ainda nos cursos secundarios do que nos primarios se deve lamentar o facto que sublinhamos.

Todavia o mal existe e o desvio da verdadeira orientação começa frequentemente logo na escola, nas primeiras noções da lingua e da historia patria.

Contava-me ha tempos um collega da Escola Normal que, tendo perguntado a seu filhinho, alumno de um curso primario;—*Que é latão?*, o pequeno lhe respondera, sem titubear:— *Substantivo, commum, masculino, singular, dissyllabo, oxytono*. Ignorava, porém, que cousa fosse, exactamente, o que tal vocabulo exprime.

Ante-hontem, no trem de Petropolis, contava-me outro collega—este, porém, do magisterio secundario— que, ao examinar em banca de linguas, o anno passado, em gymnasio de estado proximo um dos alumnos de media mais alta, 8 ou 9, respondia maravilhosamente, de cór, ás perguntas sobre regra de collocação de pronomes, metaplasmos, figuras de syntaxe etc; a prova escripta, entretanto, era um desastre, e na analyse o rapaz não sabia distinguir um *que* integrante de um *que* relativo. E, apesar da media, foi reprovado.

São exemplos que se podem multiplicar. Todos nós conhecemos por longa experiencia a deploravel mania da grammatica decorada e não applicada e sabemos quão raros os alumnos (eu ia escrevendo tambem—e os professores) capazes de escrever duas paginas de portuguez sem hesitar num pronome ou numa crase. Já não insisto na questão do estilo, no sabor literario da phrase, na riqueza e precisão do vocabulario.

O esquecimento da finalidade dos cursos é, em grande parte, a causa do mal. Docentes e discentes parece olvidarem o por que e para que se estuda tal ou tal disciplina.

A culpa dos discentes, ja se vê, é minima e até, quando se trata de creanças ainda incapazes de reflexão, absolu-

tamente nenhuma. Mas os mestres? A estes é difficil em certos casos exculpar. Pois então o constructor não sabe que os andaimes só existem para que se possa mais rapida e facilmente construir o predio? Que pensar de um mestre de obras que se esmerasse na feitura e conservação dos andaimes, pouco se lhe dando da solidez, elegancia e acabamento do proprio edificio?

Ora tal é, ou tal se afigura, a maneira de encarar o ensino da lingua vernacula em certas aulas e em certos livros destinados aos cursos de portuguez.

Regras, regras e mais regras, com as indefectíveis excepções que tudo complicam; a preocupação dominante da analyse, considerada sempre como a expressão mais alta do saber e *único* meio de provar conhecimento da lingua; a terrível nomenclatura, cada vez mais recheada de rebarbativos neologismos gregos ou latinos; e, em ultimo plano, quando não de todo esquecida, a *redacção*, o exercicio por excellencia, aquelle que, com a leitura expressiva e commentada, forma a finalidade suprema de um curso de portuguez, porque afinal, digam o que disserem, saber a propria lingua é *saber ler e escrever correctamente*. Quem lê e escreve bem, conhece o seu idioma e poderá, até, ser homem de letras, com ou sem analyses e grammatiquices. Mas todas as grammatiquices e analyses, sem a arte da leitura e sem as qualidades do estilo, só produzem, como infelizmente é tão commum, a ridiculez do pedantismo.

Compreende-se o que pretendemos dizer com estas palavras: *saber ler*.

Evidentemente não se trata só de conhecer todos os recursos de expressão, nas pausas, nas inflexões, no movimento rapido ou vagaroso, sereno ou animado, consoante o assumpto do trecho. Não é tão pouco o saber evitar os vicios communs de pronuncia, a nasalidade, a omissão de *rr* ou *ss*, as ligações erroneas, etc.

E', principalmente, o saber tirar todo o fructo do trecho lido: entendê-lo no todo e em cada parte, na significação precisa de cada termo, na belleza das imagens, na força dos argumentos, no colorido das descripções. O exercicio de synonymia, a explicação cuidadosa do

assumpto do trecho, o resumo, a redução á prosa, quando se trata de poesia, a pesquisa da idea central e das que lhe gravitam em torno—tudo são meios efficazes que levam ao fim visado: a comprehensão exacta e integral do que se leu. Analysar lexica ou syntacticamente aquillo que não se sabe ás vezes o que vem a ser, é um absurdo. Absurdo todavia observavel, maxime nos cursos secundarios ou normaes, quando se analysam, por exemplo, sem previa explicação, os episodios camoneanos de Ignês de Castro ou do Adamastor.

JONATHAS SERRANO

Grandezas proporcionaes

(LIGEIRAS NOTAS SOBRE O ARTIGO DO MESMO TITULO ACIMA DA AUTORIA DO PROFESSOR CORREGGIO DE CASTRO).

Não podemos negar a origem experimental das formações elementares no dominio da Arithmetica e da Geometria. Assim conseguiram os antigos a explicação das suas primeiras leis mathematicas.

Incontestavelmente devemos aos nossos antepassados a gloria de ter estabelecido o alicerce em que assenta o edificio esplendoroso erigido pelas concepções modernas da sciencia.

Nós aperfeiçamos o methodo porque assim nos permittiram a abstracção e o meio social, mas as noções fundamentaes, que traduzem as formações elementares, são creações delles, foram elles que nos legaram, e nós ainda hoje lhes não levamos modificação alguma: são ainda os mesmos e hão de ser sempre, porque foram verdades deduzidas de uma justa e aturada observação do mundo». — DR. MORAES REGO—Elementos de Algebra.

Confesso que li com a sympathia que sempre me despertam as coisas mathematicas o artigo — *Grandezas proporcionaes* da lavra do illustre professor Correggio de Castro, publicado em o numero 3 da «A Escola Primaria», correspondente ao mez de Abril do corrente

anno. Embora acatando muitas ideas expeditas no citado artigo, outras ha que merecem algumas objecções, penso eu. Peço, pois, ao distincto professor Correggio, permissão para discordar de certos pontos de seu bem lançado artigo. Vejamos quaes esses pontos.

Affirma o professor Correggio, o seguinte:—«Si considerarmos varios tamanhos de pedra e os pesos correspondentes

metros cubicos	1	2	5...
kilogrammas	3000	6000	15000...

temos

$$\frac{1}{3000} = \frac{2}{6000} = \frac{5}{15000} \dots \dots \dots \text{D'ahi}$$

vem a *convenção* (o *grypho é meu*) de dizermos que os numeradores de varias fracções eguaes, são proporcionaes aos denominadores.» A proporcionalidade existente entre os numeradores e denominadores das fracções eguaes,—não é absolutamente o resultado de uma *convenção*, mas uma *conclusão* natural e logica do espirito e que repugna ao mesmo aceita-la de outro modo. Os valores que traduzem aquelle modo de existencia das grandezas peso e volume, são a consequencia da experiencia de uma lei physica:—*Os pesos dos corpos são proporcionaes aos seus volumes*.

Sómente é licito admittirmos como authentica *convenção mathematica*, o que, embora dependendo do arbitrio, possa servir de base e não de conclusão de nosso raciocinio.

A *convenção* é, pois, a proposição manifesta ou o conceito logico e claro estabelecido *á priori* pela nossa livre escolha.

A *conclusão* é a consequencia de um encadeamento logico de idéas ou de raciocinios, ou ainda, a prova de factos e que portanto só pode ser estabelecida *á posteriori*.

Como exemplo de perfeita *convenção mathematica*, temos o principio de

convenção da numeração falada ou escripta em um systema qualquer. Para lermos ou escrevermos um numero precisamos adoptar de antemão uma base qualquer de numeração e adopção dessa base está portanto subordinada á nossa vontade. Todavia ella deverá estar de acordo com a razão que a julga conveniente, porque satisfaz a todos os fins intentados por uma serie de proposições verdadeiras,—que são as leis da Arithmetica.

Escreve ainda o professor Correggio:—«Tambem as grandezas inversamente proporcionaes podem sel-o ou pela propria natureza, ou *por uma mera convenção* (o *grypho me pertence*); e continua em seguida—«Em um jogo qualquer poderíamos convencionar que o numero de pontos para cada jogador fosse inversamente proporcional ao numero de perdas».

Não ha senão aparentemente, dada a hypothese do ajuste formulado pela proposição acima, uma *convenção*. A *convenção* não existe aqui na accepção rigorosa do termo. Em rigor—é ella uma conclusão logica e que o espirito aceita porque não descobriu uma só idea desconveniente e nem contraditoria com a sua proposição equivalente:—*Em um jogo qualquer o numero de pontos para cada jogador é directamente proporcional ao numero de ganhos*. A primeira proposição é uma conclusão racional e evidente da segunda, e não uma *convenção*. Não devemos, pois em boa logica, admittir a *proporcionalidade convencional* como a quer o illustre professor Correggio. A proporcionalidade entre as grandezas é sempre a consequencia de uma lei physica, geometrica ou mecanica, ou uma conclusão racional que o espirito deduz independente de sua simples vontade, não podendo assim, *ad libitum* do mesmo, ser substituida por outra, o que se verifica na *convenção* propriamente dita.

Manãos, Junho de 1924.

ABILIO DE BARROS ALENCAR

Tres Palavrinhas

Luthero — Ouve-se frequentemente mal pronunciado como proparoxytono o nome do famoso iniciador da reforma religiosa, fundador, portanto, do protestantismo. E' *Luthéro* que se deve dizer, embora os allemães pronunciem *Lu'ther*. *Luthéro* é a prosodia tradicional de nossa lingua, e não creio haja vantagem em mudar.

Espocar. — Empregam muito este verbo escrevendo-o *espoucar*. Parece, porém, que aquella deva ser a verdadeira graphia. Com ella figura no Dicionario de Figueiredo, que regista o vocabulo como termo do Brasil, ainda não anteriormente concluido nos vocabularios geraes. E' o mesmo, diz, que *pipocar* e a significação é — *estourar, explodir*.

Assim sendo, a conjugação deve ser *espóca, espócam*, etc. Muita razão teve, pois, meu collega Othello Reis em não incluir no seu *Breviario dos verbos*, esse verbo entre aquelles que têm a syllaba ou penultima, como *apoucar, roubar*, etc.

Subtrato. — Quando alguém quer falar difficil, alatinando a lingua para passar por douto, gosta de empregar o vocabulo *subtractum*, certo de que *subtractum* é puro latim e significa: o que está por baixo de tudo, o fundamento, o essencial, o que fica, a verdadeira urdidura.

Ora, de balde procurareis em dicionarios latinos essa palavra em tal sentido e com tal graphia. O que ha é *substratum* (sem *c*), do verbo *substerno is, stravi, stratum, sternere*. Foi dahi

que se tirou o tal termo, a que a mania da complicação emprestou o *c*.

Quer isto dizer que *subtractum* é tollice orthographica do genero de *ca-the-goria, athé, systhema, athmosphera*, etc. E não só os nescios a comettem. O Dicionario Contemporaneo, vulgarmente conhecido como de Aulete, regista: *Substratum* (philos.) o que existe nos seres independente das suas qualidades. E' pal. latina.

A admittir, porém, *Substratum*, mais consentaneo á indole da lingua me parece fazer logo *Subtrato*.

MESTRE ESCOLA

Correspondencia de tres palavrinhas

E. X. (Guaxupé). — O verbo *esquecer* fica ahi por *ser esquecido*:

*Que esquecerão seus feitos no Oriente
Se lá passar a Lusitana gente.*

Lus, Canto I, 30

Dizer que o sujeito é *elles*, indeterminado, será emprestar a Camões uma construcção que não usava.

O verbo *esquecer* apparece no sentido passivo ainda em

Quem não apparece, esquece.

A verdade é que nos dois exemplos apontados o sentido verdadeiro é

Que serão esquecidos... E' esquecido.

M.-E.

AVISO

Com este numero conclue «A Escola Primaria» o seu 8º anno de vida.

Aos nossos assignantes, que não renovaram ainda suas assignaturas, pedimos que o façam, o mais breve possivel, afim de evitar qualquer interrupção na remessa da revista.

O preço de assignaturas para os Estados é de 10\$000, por anno; para o Districto Federal, 9\$000.

As collecções dos annos anteriores, com indice alphabetico, custam em avulsos 11\$000; catornadas, 12\$000; encadernadas 14\$000.

Todos os pedidos, quer os de assignaturas, quer os de collecções, devem vir endereçados á Redacção d'«A Escola Primaria», rua 7 de Setembro, 174, Rio de Janeiro.

III - LIÇÕES E EXERCICIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

— *Como é constituído o Senado Federal?*

— O Senado Federal, ou geralmente o «Senado», é composto de 63 representantes do povo, eleitos 3 para cada Estado e 3 para o Districto Federal.

— *Por que não tem o Acre seus representantes no Congresso Nacional?*

— Porque por ora é apenas um Territorio; não goza de autonomia: é administrado directamente por delegados da absoluta e immediata confiança do executivo federal. Dentro de pouco tempo, porém, tendo em vista o desenvolvimento da população e a prosperidade material, mental e moral dessa longinqua circumscripção, o Acre ha de ser elevado á cathegoria de Estado.

— *Que nome tomam os representantes do povo, enviados ao Senado?*

— Os representantes enviados pelo

numero não pode exercer-se por si só nas resoluções collectivas.

— *Por quanto tempo são eleitos os senadores?*

— Os senadores são eleitos por nove annos, renovando-se o Senado trienalmente pelo terço. Quer isto dizer que o mandato de cada senador é realmente de nove annos, mas as coisas estão aranjadas de tal sorte que em cada uma das representações das diversas unidades da Federação, isto é, em cada uma das «bancadas» ha de tres em tres annos um senador que completa o seu periodo de nove. Por esta combinação, está o Senado constantemente a se renovar, mas não em bloco, de modo que em dado momento ha sempre senadores que tomam posse e entram pela primeira vez na assembléa; outros a quem faltam ainda sete, seis, cinco, tres, etc. annos para

O voto deve ser «esclarecido». Devemo-nos informar a respeito das questões que se discutem, da pessoa dos candidatos, de sua moralidade, de sua aptidão para o desempenho do cargo, de suas opiniões. Para chegar a votar em pleno conhecimento de causa, é preciso antes de tudo que se possua alguma instrução.

P. JANET

povo afim de constituirem o Senado chamam-se Senadores da Republica.

— *Como são escolhidos os senadores?*

— Os senadores são escolhidos por suffragio directo do povo, como tambem os deputados, o presidente e o vice-presidente da Republica. Os que em cada Estado e no Districto Federal obtêm maioria de votos são os que occupam as cadeiras senatoriaes, isto é, os que vão formar o Senado, collaborar directamente no governo do paiz.

— *Por que só ha tres senadores para cada Estado?*

— Esse numero foi determinado na Constituição como sendo sufficiente. Todos os Estados, pequenos ou grandes, prósperos ou pobres, têm assim no Senado uma representação numericamente igual, de modo que o peso do

terminar o mandato. As vantagens desta combinação facilmente se apprehendem com a meditação.

— *Como se faz quando fallece um senador?*

— Fallecendo um senador elege-se-lhe um substituto, que vae exercer o mandato pelo tempo que ainda faltava ao extincto para terminar o seu periodo.

— *Podem os senadores ser reeleitos?*

— Os senadores podem ser reeleitos quantas vezes o entenderem os eleitores que nelles depositam sua confiança

— *Quaes as pessoas do povo que concorrem para eleger os senadores?*

— As mesmas pessoas que podem escolher os deputados, o presidente e o vice-presidente da Republica, podem eleger os senadores: todos os cidadãos brasileiros que se tiverem habilitado devi-

damente, de accordo com a lei eleitoral, obtendo o titulo de eleitor».

—*Quem pode ser senador?*

—Para que alguém possa ser eleito afim de constituir o Senado republicano, é necessario: 1º que esteja na posse dos direitos de cidadão brasileiro e possa ser (embora não esteja) alistado como eleitor; 2º que tenha mais de 35 annos de idade; 3º no caso de não ser brasileiro nato, que seja cidadão brasileiro ha mais de seis annos.

—*São as mesmas as condições que se exigem para que alguém possa ser deputado?*

—As condições são, como se vê, maiores para a senatoria, do que para a deputação, porque se considera o Senado como uma camara de certo modo mais alta do que a dos Deputados. Por algumas de suas attribuições, o Senado intervem mais directamente e mais efficientemente no governo do paiz. Contudo não ha officialmente, uma camara inferior e uma superior: os representantes de uma e de outra são igualmente delegados do povo.

—*Gozam os senadores de alguma prerogativa especial?*

—Os senadores, como os deputados, não podem ser presos, nem processados criminalmente, sem prévia licença de sua camara, salvo o caso de flagrancia em crime inafiançavel.

—*Ganham os senadores alguma remuneração?*

—Durante o periodo das sessões percebem os senadores, como os deputados um subsidio pecuniario, bem como ajuda de custo, que o Congresso fixa, no fim de cada legislatura, para a legislatura seguinte.

—*Ha coisas particularmente vedadas aos senadores e deputados?*

—Alem dos crimes e das infracções que a lei prevê, e que são vedadas naturalmente a todos os cidadãos, ha na Constituição algumas prohibições expressas para os membros do Congresso Nacional. Assim, nenhum poderá celebrar contractos com o poder executivo, nem receber deste commissões ou empregos remunerados, nem ser presidente ou fazer parte da directoria de um banco, uma companhia, ou uma em-

preza, que goze de favores do governo federal.

—*Mas nenhuma commissão pode ser attribuida pelo executivo a um membro do legislativo, mesmo quando se trate de altas missões de interesse publico?*

—A lei exceptua da prohibição: 1º as missões diplomaticas; 2º as commissões ou commandos militares; 3º os cargos de acesso e as promoções legaes. Nos dois primeiros casos, como a acceitação do encargo tem forçosamente de privar o nomeado de comparecer ao Congresso, discutir, votar, é preciso que sua Camara lhe conceda permissão para que acceite a investidura. Terminada a missão, o deputado ou o senador volta a seu logar, entre seus pares. No caso de empregos civis ou postos militares, não é necessario licença. Um funcionario é, por exemplo, na sua repartição, 2º official. Eleito deputado ou senador, deixa logo, temporariamente, o exercicio de sua função burocratica. Mas se emquanto está no Congresso lhe toca a vez de ser promovido, nenhuma licença será preciso solicitar para que o funcionario seja elevado de categoria.

Quanto ás missões diplomaticas, é muito frequente ir o executivo buscar no seio do legislativo embaixadores especiaes que representem o paiz em uma grande solemnidade, ou em um momento politico difficil. Ainda neste anno expirante de 1924, dois embaixadores especiaes foram tirados pelo executivo dentre os membros do poder legislativo: um que representasse o Brasil nas solemnisimas commemorações da independencia do Perú, e outro que fosse em delicada missão á republica do Uruguai, afim de obter do governo desse paiz amigo certas medidas imprescindiveis, de fechamento de fronteiras, internação de rebeldes que a transpuzessem, etc., de modo a mais rapidamente se pacificar o sul do paiz, onde bandos revolucionarios até agora devastam campos, saqueiam propriedades, estabelecendo por toda parte o panico e não raro tingindo de sangue innocente as terras do Rio Grande.

OTHELLO REIS

GEOGRAPHIA

Atmosphera Meteoros

Nuvens

Uma succinta classificação das nuvens pelos typos classicos de *cumulus*, *cirrus*, *stratus* e *nimbus* é coisa que se pode fazer sem esforço, ao alcance da intelligencia das crianças, mesmo das classes elementares, mas certo que só nas adeantadas será de exigir.

Chuvas— Circulação da agua

Mostre o professor, a proposito da chuva, como se faz a circulação da agua.

Das aguas que caem, da chuva, ha uma parte que escorre á superficie da terra, buscando, rapidas, os rios, e por estes buscando os lagos e os mares; outra parte que se infiltra pela terra a dentro, encharcando os terrenos; uma terceira parte que permanece empoçada e vae-se aos poucos evaporando.

A que se infiltra vae, no seio do terreno, constituir o que se denomina o lençol d'agua subterraneo. Sob certas condições, é ella que sae nos olhos d'agua, nas minas, nas fontes.

Vêde aquella aguazinha fresca, quasi gelada, e limpida, que gotteja ali na matta, em centenas de logares nos arredores de nossa cidade, em Paineiras, no Silvestre, no Corcovado, nas Laranjeiras, no quintal de muitas casas: é a agua do lençol subterraneo, a que desceu, desceu, entre a areia, os seixos, todos os materiaes permeaveis do solo até dar com uma camada impermeavel, que a faz parar. Acima dessa camada impermeavel, encharcam-se os terrenos, e é tal a massa d'agua ahi contida, que elle busca uma fenda, um ponto de menor resistencia, e vem afflorar á superficie escoando-se em gottas, gottas que formam os tenues fios d'agua, fios d'agua que fazem os riachos, riachos que formam os rios.

E' então aquella mesma agua que a terra bebeu, que vem agora á superficie. Andou nas profundezas, apertada

entre pedras e massas de terra. Eil-a agora livre, a correr sobre a terra. Nella se espelha o céu azul.

Mas ao mesmo tempo que corre, ou emquanto se acha nos lagos e nos mares, vem o sol, e vem o vento, e eil-a a cooperar-se. Transforma-se em vapor, sobe ao espaço novamente, forma as nuvens, e as nuvens depois se desfazem em chuva, e eis novamente a agua em terra!

Daquella que se infiltrou, ha uma parte que as raizes das plantas avidamente bebem: nella vão de mistura muitas substancias chimicas e com estas substancias junto com a preciosa agua faz o vegetal sua nutrição, e a agua é seiva! Seiva, eis que a bemdita agua sobe por milhões de vasos capillares tronco acima, galhos acima, até as folhas. E ahi ainda, em virtude das funções da planta muito semelhantes ás nossas proprias, ainda boa porção d'agua evapora, ganhando o espaço. Tambem de nosso corpo quanta agua se evola, mesmo quando não vemos como nos mezes actuaes, a transpiração excessiva que nos humedece a pelle!

Eis, pois, como por toda parte circula a agua, a grande amiga da vida!

Ha logares onde chove muito, logares onde pouco chove, logares onde quasi nunca chove. Em nossa patria ha uma região de chuvas frequentes e abundantes: é a Amazonia, isto é, a região que abrange os Estados do Amazonas e Pará, o Territorio do Acre e mais algumas porções de territorio nacional. Em outros as chuvas são frequentes. Mas em alguns ha de quando em quando longos periodos de falta de chuvas. Secam então os rios, morre quasi toda a vegetação, a terra fica branca de secca. O gado vae morrendo á fome e á sede. O proprio homem, já não lhe valem os recursos da intelligencia nem a providencia: ou emigra, ou morre.

Dos que emigram, batidos pela fome, pela sede e pelas molestias que então lavram, graças á miseria, quantos morrem! Vão os outros para longe, luctam, ás vezes vencem, outras vezes são esmagados pelas contingencias da vida.

Mas os que vencem, sobrevivendo á desgraça, têm sempre uma saudade da terra do berço, embora madrasta! E' a situação, por exemplo do nosso patricio que emigra do Ceará, a terra, no Brasil, mais flagellada pelo triste phenomeno da secca.

O Ceará é a nossa irmã infeliz. Bella terra! Como tudo é encantador sob aquelle céu! Mas vem a secca. Ex-gottam-se as reservas naturaes e as que o proprio homem preparou. E' o exodo, é a desgraça do Ceará. Mas essa pobre

irmã tem na sua desgraça um consolo: é que seus filhos vão pelo resto do Brasil, estes a descobrir os desvãos dos rios, explorando seringas, aquelles a lutar na industria, no commercio, nas armas ou nas letras, por toda parte a brilhar pelo talento, pela capacidade assombrosa de trabalho, pela perseverança e pela bondade, até o dia em que podem voltar ao patrio berço, de onde a fatalidade já levantou o vôo.

OTHELLO REIS

LINGUA MATERNA

5º ANNO

Redacção

DESENVOLVER A SEGUINTE HISTORIETA:

Uma alumna pouco applicada aos estudos, ao fazer a prova trimestral, procura copiar o trabalho da companheira de banco. Sua professora adverte-a com brandura. Zanga-se a menina, respondendo-lhe em termos destoantes da boa educação.

Descrevei, com minucia, o facto que motivou a interpeção da mestra. Citaes as palavras que ella dirigiu á menina e os termos da rêsposta descortez da alumna apanhada em falta. Relatae as consequencias desse acto de indisciplina.

6º ANNO

Redacção

Carta a uma irmãzinha que partiu chorosa para o internato.

Participa-lhe que tens tido muitas saudades suas e conta-lhe o pesar que sentiste quando, no dia da partida, a viste chorar. Dize-lhe, porém, que essa magoa logo se dissipou porque reflectiste que, na fazenda, onde resides, não poderá a maninha receber os thesouros de uma boa educação.

Aconselha-a a ser docil, attenta ás lições das mestras e desejosa de progredir nos estudos. Dize-lhe que, desse modo, ella não só adquirirá elementos para triumphar na vida como tambem dará aos paes excellente prova de sua gratidão.

Despedida affectuosa.

Tratamento: 2ª pessoa do singular.

7º ANNO

Carta a um collega convidando-o para assistir á festa do encerramento das aulas.

Communica-lhe que já terminaste os exames finaes de instrucção primaria, com approvação, graças ao esforços que dependeste em teus estudos.

Conta-lhe a grande alegria que esse resultado te causou e como te sentes feliz por haveres cumprido os deveres de um bom escolar.

Descreve-lhe a festa que está sendo organizada para o dia do encerramento das aulas.

Dize-lhe que, entre teus convidados, espera ver o amigo que tanto prezas.

Certo de que teu convite será aceito, aguardas sua resposta.

Despedida affectuosa.

Tratamento: você.

VIRGINIA I. P. ROSA

ENSINO SCIENTIFICO

ARITHMETICA

Antes de entrarmos em materia correspondente ao 5º e ultimo anno do estudo da Arithmetica nas escolas primarias, conforme o programma por nós estabelecido, cumpre-nos tratar, embora rapida e superficialmente de assumpto habitualmente exigido nas provas de exames finaes e de admissão á Escola Normal, comquanto jamais figurasse nos programmas officiaes. Referimo-nos á avaliação approximada das fracções, que póde ser desdobrada em dous casos, conforme se trata apenas de exprimir approximadamente quantidades fraccionarias de modo que o erro commettido seja menor do que a unidade considerada de um modo geral e vago, ou commettendo-se um erro menor do que uma quantidade previamente determinada.

No 1º caso temos o processo das *fracções continuas*; no 2º o da *avaliação das fracções com uma aproximação dada*.

Vejamos em que consiste o primeiro.

Sabemos ha muito que — sempre que os termos de uma fracção são numeros consideraveis, torna-se difficil fazer idéa exacta da grandeza que ella representa; e que, para obviar este inconveniente, simplifica-se a fracção, eliminando-se os factores communs dos seus termos, o que nos conduz a substituir a fracção por outra equivalente mas expressa por termos mais simples. Imaginemos, porém, que essa fracção de termos consideraveis é irreductivel, sendo portanto impossivel substituil-a por outra equivalente de termos mais simples; neste caso o recurso unico a empregar, recurso sempre possivel, é o de transformar a fracção dada, a fracção de que se trata, em outra cujo valor se approxime tanto do valor d'ella quanto se queira, e cujos termos sendo mais simples per-

mittam fazer mais clara idéa da grandeza da unidade fraccionaria.

Seja por exemplo a fracção $\frac{616}{2295}$,

irreductivel e de termos consideraveis. Vejamos como effectuar a transformação desejada.

—Dividindo-se ambos os termos da fracção $\frac{616}{2295}$ pelo seu proprio numerador, o que não lhe altera absolutamente o valor, teremos:

$$\frac{616}{2295} = \frac{1}{\frac{2295}{616}}$$

Extrahindo os inteiros á fracção denominador, teremos:

$$\frac{616}{2295} = \frac{1}{\frac{2295}{616}} = \frac{1}{3 + \frac{447}{616}}$$

Desprezando-se no denominador a

fracção $\frac{447}{616}$ teriamos $\frac{1}{3}$ para 1ª

aproximação da fracção dada, cumprindo observar ser esta aproximação maior do que o verdadeiro valor da fracção $\frac{616}{2295}$, pois que — tendo-se desfalcado o denominador tornou-se elle menor e portanto a fracção maior do que primitivamente.

Se quizermos precisar o erro commettido quando substituirmos $\frac{616}{2295}$ por

$\frac{1}{3}$ bastará tomar a differença entre as duas fracções e teremos:

$$\frac{1}{3} - \frac{616}{2295} = \frac{765}{2295} - \frac{616}{2295} = \frac{149}{2295}$$

LEQUES FINOS para noivas,
LUVAS e artigos, de novidade na

Casa Cavanelas, Ouvidor, 178

isto é que teremos commettido um erro por excesso representado por ou igual a

$$\frac{149}{2295}$$

Se em vez de desfalcarmos o denominador de sua parte fraccionaria, tivessemos, ao contrario, substituido essa parte fraccionaria pela unidade, teriamos

$$\text{em vez de } \frac{1}{3 + \frac{447}{615}} \text{ a fracção } \frac{1}{3+1} = \frac{1}{4}$$

Este valor approximado da fracção

$\frac{616}{2295}$ é evidentemente menor do que esta fracção, pois que tendo sido augmentado o denominador, a fracção se terá tornado menor.

Se quizermos precisar o erro commettido quando substituirmos a fracção $\frac{616}{2295}$ por $\frac{1}{4}$ bastará verificarmos de quanto foi augmentado o denominador. Ora, tendo sido nesse denominador

substituida a fracção $\frac{447}{616}$ pela unidade, é sufficiente verificarmos qual a differença entre a unidade ou $\frac{616}{616}$ e

$$\frac{447}{616} \text{ e teremos:}$$

$$\frac{616}{616} - \frac{447}{616} = \frac{169}{616}$$

Será pois de $\frac{169}{616}$ o erro por deficiencia que teremos commettido.

Comprehende-se facilmente que sendo a fracção $\frac{616}{2295}$ menor do que

$\frac{1}{3}$ e maior do que $\frac{1}{4}$, seu valor fica

comprehendido entre $\frac{1}{3}$ e $\frac{1}{4}$ e este

resultado já nos dá uma idéa approximada d'esse valor; entretanto, se esta primeira approximação não for sufficiente para a questão que tivermos de re-

solver e de que seja a fracção $\frac{616}{2295}$

um dos elementos, poderemos facilmente obter maior approximação que nos conduza a commetter um erro menor do que o que acabamos de verificar; bastaria para isso procedermos com a fracção $\frac{447}{616}$ da mesma maneira por que haviamos procedido com a fracção dada. Assim, dividindo-se ambos os termos

d'esta ultima fracção $\left(\frac{447}{616}\right)$ pelo respectivo numerador, teriamos:

$$\frac{616}{2295} = \frac{1}{3 + \frac{447}{616}} = \frac{1}{3 + \frac{1}{\frac{616}{447}}}$$

extrahindo os inteiros á fracção $\frac{616}{447}$ viria:

$$\frac{616}{2295} = \frac{1}{3 + \frac{1}{\frac{616}{447}}} = \frac{1}{3 + \frac{1}{1 + \frac{169}{447}}}$$

Se desprezarmos a fracção $\frac{169}{447}$ teremos:

$$\frac{1}{3 + \frac{1}{1}} = \frac{1}{3+1} = \frac{1}{4}$$

Já vimos e é desnecessario repetir que esta fracção tem valor menor do que o verdadeiro e para se determinar o erro commettido em substituir por ella a fracção dada basta tomar a differença entre as duas:

Ora,

$$\frac{616}{2295} - \frac{1}{4} = \frac{616 \times 4}{2295 \times 4} - \frac{2295}{2295 \times 4} =$$

$$= \frac{2464}{9180} - \frac{2295}{9180} = \frac{2464 - 2295}{9180} =$$

$$= \frac{169}{9180}$$

logo, é este o valor do erro commettido, erro menor do que o verificado na primeira approximação, como se pôde facilmente apurar comparando as fracções

$$\frac{149}{2295} \text{ e } \frac{169}{9180}$$

Se, entretanto, para o caso de que se tratar, ainda seja consideravel um erro representado por $\frac{169}{9180}$, procederemos a uma terceira approximação, para o que bastará dividir ambos os termos da fracção $\frac{169}{447}$ pelo respectivo numerador.

Teriamos assim:

$$\frac{616}{2295} = \frac{1}{3 + \frac{1}{1 + \frac{1}{\frac{447}{169}}}} = \frac{1}{3 + \frac{1}{1 + \frac{1}{2 + \frac{109}{169}}}}$$

Se desprezarmos a fracção $\frac{109}{169}$ teremos para valor approximado da fracção dada

$$\frac{1}{3 + \frac{1}{1 + \frac{1}{2}}} = \frac{1}{3 + \frac{1}{\frac{3}{2}}} =$$

$$= \frac{1}{3 + \frac{2}{3}} = \frac{1}{\frac{11}{3}} = \frac{3}{11}$$

Se aceitarmos a fracção $\frac{3}{11}$ como

valor approximado de $\frac{616}{2295}$ teremos

commettido um pequeno erro por excesso, como se verifica da comparação

entre as fracções $\frac{616}{2295}$ e $\frac{3}{11}$

$$\frac{3}{11} - \frac{616}{2295} = \frac{6885}{25245} - \frac{6776}{25245} =$$

$$= \frac{109}{25245}$$

Se comparassemos agora este erro relativo á 3ª approximação com o verificado na 2ª, para o que bastaria compa-

rar a fracção $\frac{109}{25245}$ com $\frac{169}{9180}$ ficaria

verificado ser o erro da 3ª approximação menor do que o da 2ª e portanto muito menor do que o da 1ª.

Empregando sempre o mesmo processo, o que em classe deve ser feito e repetido até uma 6ª ou 7ª approximação, se possivel, ficaria verificado que a 4ª approximação era menor do que a fracção dada; a 5ª maior; a 6ª menor; a 7ª maior; a 8ª menor; e assim successivamente; por outro lado, ficaria tambem demonstrado que cada erro seria sempre menor do que o da approximação precedente, d'onde concluir-se que—consistindo o processo em dividir sempre ambos os termos da ultima fracção pelo respectivo numerador, será sempre possivel empregal-o, commettendo erros successivamente menores, até que porventura se chegue a uma ultima fracção cujo numerador seja a unidade, o que impede a continuação do processo, como bem se comprehende.

A qualquer expressão da fórmula

$$\frac{1}{3 + \frac{1}{1 + \frac{1}{2 + \frac{1}{1}}}}$$

.....

se dá o nome de *fracção continua*, de modo que poderia definir-se:

Fracção continua é aquella que tem para numerador a unidade e para denominador um inteiro acompanhado de fracção que tem para numerador a unidade e para denominador um inteiro acompanhado de fracção... e assim successivamente.

Comparando-se o resultado obtido pelo emprego do processo acima instituido com o da determinação do maximo commum divisor a dous numeros chegar-se-á á conclusão de que—para se converter uma fracção ordinaria em fracção continua, basta procurar o maximo commum divisor aos dous termos da fracção e compôr depois uma serie de fracções cujos numeradores sejam sempre constituídos pela unidade, e cujos denominadores sejam os quocientes das successivas divisões effectuadas para determinação d'esse maximo commum divisor.

De facto, no exemplo de que nos servimos, dividimos o numero maior (2295) pelo menor (616); a seguir dividimos o menor (616) pelo primeiro resto (447); o 1º resto (447) pelo 2º (169) e assim iriamos successivamente dividindo cada resto pelo anterior.

Para que fique bem claro o assumpto, tomaremos um exemplo em que os termos da fracção não sejam muito consideraveis e applicaremos o

processo de desdobramento em fracção continua, directamente e pela pesquisa do maximo commum divisor.

Seja a fracção

$$\frac{130}{447}$$

Dividindo-se ambos os seus termos pelo respectivo numerador teremos:

$$\frac{130}{447} = \frac{1}{\frac{447}{130}} \text{ ou extrahindo os inteiros á fracção denominador:}$$

$$\frac{130}{447} = \frac{1}{\frac{447}{130}} = \frac{1}{3 + \frac{57}{130}}$$

Dividindo-se ambos os termos da fracção $\frac{57}{130}$ pelo respectivo numerador, virá:

$$\frac{130}{447} = \frac{1}{\frac{447}{130}} = \frac{1}{3 + \frac{1}{\frac{57}{130}}}$$

Extrahindo os inteiros á fracção

$$\frac{130}{447} = \frac{1}{\frac{447}{130}} = \frac{1}{3 + \frac{1}{\frac{1}{\frac{130}{57}}}} = \frac{1}{3 + \frac{1}{2 + \frac{16}{57}}}$$

Continuando a empregar o processo já conhecido, teriamos successivamente:

$$\frac{130}{447} = \frac{1}{\frac{447}{130}} = \frac{1}{3 + \frac{1}{\frac{1}{\frac{1}{\frac{1}{\frac{130}{57}}}}}} = \frac{1}{3 + \frac{1}{2 + \frac{16}{57}}}$$

**Os preços marcados nas perfumarias expostas na
« PERFUMARIA A GARRAFA GRANDE »
não admittem confronto
66, Rua Uruguayana, 66 — RIO**

$$= \frac{1}{3 + \frac{1}{2 + \frac{1}{3 + \frac{9}{16}}}}$$

$$= \frac{1}{3 + \frac{1}{2 + \frac{1}{3 + \frac{1}{\frac{16}{9}}}}}$$

$$= \frac{1}{3 + \frac{1}{2 + \frac{1}{3 + \frac{1}{1 + \frac{7}{9}}}}}$$

$$= \frac{1}{3 + \frac{1}{2 + \frac{1}{3 + \frac{1}{1 + \frac{1}{\frac{9}{7}}}}}}$$

$$= \frac{1}{3 + \frac{1}{2 + \frac{1}{3 + \frac{1}{1 + \frac{2}{7}}}}}$$

$$= \frac{1}{3 + \frac{1}{2 + \frac{1}{3 + \frac{1}{1 + \frac{1}{\frac{7}{2}}}}}}$$

$$= \frac{1}{3 + \frac{1}{2 + \frac{1}{3 + \frac{1}{1 + \frac{1}{\frac{1}{\frac{2}{3}}}}}}}$$

Se applicarmos agora á mesma fracção $\frac{130}{447}$ a pesquisa do maximo commum divisor aos seus termos, teremos:

	3	2	3	1	1	3	2
447	130	57	16	9	7	2	1
57	16	9	7	2	1	0	

e tomando successivamente para denominadores das fracções que constituem a fracção continua procurada os quocientes: 3, 2, 3, 1, 1, 3 e 2 e sendo a

unidade o numerador de todas ellas, teremos:

$$\frac{130}{447} = \frac{1}{3 + \frac{1}{2 + \frac{1}{3 + \frac{1}{1 + \frac{1}{1 + \frac{1}{3 + \frac{1}{2}}}}}}}$$

resultado perfeitamente igual ao já obtido.

OLYMPIA DO COUTTO
(Continúa)

Indice Alfabetic

TRABALHOS

PAGS.

<i>Historia Patria (Uma lição de—)</i> —Maria C. Amorim.....	12
<i>Historia</i> —Jonathas Serrano— 18, 50, 85, 111, 137, 168, 193, 219, 242, 268 e..	292
<i>Instrucção do povo (Pela—)</i> —Antonio S. Cabral.....	127
<i>Instrucção publica em Minas Geraes</i> —Redacção	157
<i>Juízo de Menores</i> —Redacção.....	2
<i>Ler e escrever (Saber—)</i> —Jonathas Serrano	313
<i>Lições de cousas</i> —Cacilda Dias da Cruz	188
<i>Lingua Materna</i> —Noemia Eloya e Inah Martini.. 54, 89, 115, 143, 173, 199, 223, 246, 272 e.....	295
<i>Lingua Materna</i> —Maria Amelia Daltro Santos... 57, 91, 117 e.....	144
<i>Lingua Materna</i> —Virginia I. Paula Rosa.	320
<i>Linguagem</i> —America Xavier M. Barros...	258
<i>Livros de leitura</i> —Carlos Porto Carreiro	2
<i>Livros de Leitura</i> —Zelia J. O. Braune, Ar-teobela Frederico, Ilza M. Macedo	38
<i>M. C. D. de varios numeros (Do—)</i> —Abilio B. Alencar.....	236
<i>Margem dos ultimos concursos (A—)</i> —Redacção	234
<i>Missão social da mulher (A—)</i> —Maria Amelia Daltro Santos.....	73
<i>Missão do professorado</i> —Nelson de Senna	233
<i>Nomenclatura grammatical</i> —A. Joviano..	283
<i>Nova orientação (A—)</i> —M. Bomfim.....	33
<i>Palavras de esperança</i> —Redacção.....	97
<i>Passaro captivo (O)</i> —E. Vilhena de Moraes	15
<i>Patriotismo</i> —Alfredo Balthazar da Silveira	105
<i>«Preconceito» da gratuidade (O)</i> —Redacção	181
<i>Presidente Coolidge e o Professor (O—)</i> —Redacção	210
<i>Primeira Leitura para adultos</i> —J. S.....	184
<i>Programmas novos</i> —Redacção.....	307
<i>Promoções</i> —Redacção.....	69
<i>Pronome “se” e a predicação verbal (O—)</i> —Daltro Santos.....	7
<i>Pronome “se” e a predicação verbal (O—)</i> —(carta)—Hemeterio dos Santos..	81
<i>Reducção de escolas</i> —Redacção.....	279
<i>Republica do Perú (Discurso proferido na escola)</i> —Victor Maurtua.....	280
<i>Sciencias physicas e naturaes</i> —E. Blume, 26 62, 122, 150, 205 e.....	231
<i>Situação do professorado (A—)</i> —Redacção	125
<i>Tiradentes</i> —Alcides Gouvea.....	98
<i>Tres palavrinhas</i> —Mestre-Escola... 16, 47, 83, 108, 134, 165, 190, 215, 238, 259, 287 e.....	316
<i>Unidades collectivas (Methodo das—)</i> Abilio B. Alencar.....	45
<i>Uniformização Orthographica</i> —O. Duque-Esrada	286
<i>21 de Abril</i> —Virgina I. Paula Rosa.....	101
<i>Verbos aparentemente irregulares</i> —Dejanira A. R. Raboeira.....	163
<i>Acontecimentos de S. Paulo (Os—)</i> —Redacção.....	153
<i>Administração e o Ensino (A—)</i> —Redacção	70
<i>Analphabetismo</i> —Dr. Viveiros de Castro.	126
<i>Analphabetismo (A questão do—)</i> —Francisco Furtado Mendes Vianna.....	35
<i>Arrependimento (O—)</i> —[conto]—Antonia Terra Bello.....	116
<i>Arithmetica</i> —Olympia do Coutto—22, 59, 93, 119, 148, 176, 201, 225, 247, 273, 297 e	321
<i>Batalha de Ayaeucho (Commemoração escolar da)</i> —Redacção.....	280
<i>Bibliographia</i> —Redacção, 16 e.....	259
<i>Bons livros (Em prol dos)</i> —Francisco Prisco	99
<i>Canção da despedida</i> —J. B. de Mello e Souza e A. Rego.....	266
<i>Classes e promoções no magisterio municipal</i> —Francisco Furtado Mendes Vianna	157
<i>Complementos numericos (Dos—)</i> —Abilio de Barros Alencar, 161, 186, 212 e	256
<i>Composição escripta</i> —A. Joviano.....	131
<i>Contos... de um Naturalista</i> —Othello Reis	282
<i>Creação necessaria</i> —Redacção.....	34
<i>Cruzada Santa (A—)</i> —Leoncio Correia..	182
<i>Defeitos da nossa leitura (Os—)</i> —Oswaldo Orico.....	254
<i>Diarios de classe (A utilidade dos—)</i> —J. C. da Costa Sena.....	129
<i>Dias de trabalho</i> —S. R.....	187
<i>Educação do homem e do cidadão</i> —Othello Reis, 17, 49, 84, 110, 136, 167, 192, 217, 240, 264, 290 e.....	317
<i>Educar ou Instruir?</i> —Pires Ferrão.....	5
<i>Elementos formadores do lexicon</i> —Oswaldo Orico.....	211
<i>Ensino da tolerancia (O—)</i> —Redacção....	253
<i>Ensino leigo (O—)</i> —Monsenhor João Pio.	308
<i>Entidades geometricas</i> —Correggio de Castro.....	235
<i>Escola Primaria (A—)</i> —Redacção.....	1
<i>Escola e a Familia (A—)</i> —Redacção.....	209
<i>Festas escolares</i> —Prof. Lourenço Filho..	71
<i>Funcções grammaticaes do monosyllabo A—</i> —Dejanira A. R. Raboeira.....	214
<i>Geographia</i> —Othello Reis—20, 52, 87, 112, 139, 170, 194, 220, 244, 269, 294 e...	319
<i>Geographia</i> —Sebastiana Figueiredo.....	46
<i>Geographia (O ensino da—)</i> —J. C. da Costa Sena.....	312
<i>Grandezas proporcionaes</i> —Correggio de Castro.....	81
<i>Grandezas proporcionaes</i> —Abilio de Barros Alencar.....	314

KOLATENO	O MAIOR TONICO da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da depressão em geral Composição de kola fresca, malt e phosphato de sodio Licença da Saude Publica n. 726	BOLDENO	Corrige a insufficiencia hepatica, biliar, a congestão chronica do figado dos dyspep- ticos e a retenção biliar na vesicula. BASE: boldo, pichi e benzoato de sodio Licença da Saude Publica n. 767
CASCARENO (Cascarina Glycerinada)	Sem igual para combater a prisão de ventre habitual e a dyspepsia gastrica Reeduca o intestino Licença da Saude Publica n. 96	VALERENO	Indicado contra: espasmos, hysteria e accidentes nervosos ligados a este estado. BASE: valeriana fresca esterilizada e simulo Licença da Saude Publica n. 767

RANGEL COSTA & C. — 83, Rua da Assembléa, 85 — RIO DE JANEIRO

MOVEIS DE ARTE

Decorações interiores
Tapetes modernos

Tendo em vista a qualidade, os nossos preços são
SEMPRE OS MENORES, porque tudo fabricamos
ou directamente importamos.

LEANDRO MARTINS & C^a

93 — Ouvidor — 95 41 — Ourives — 43

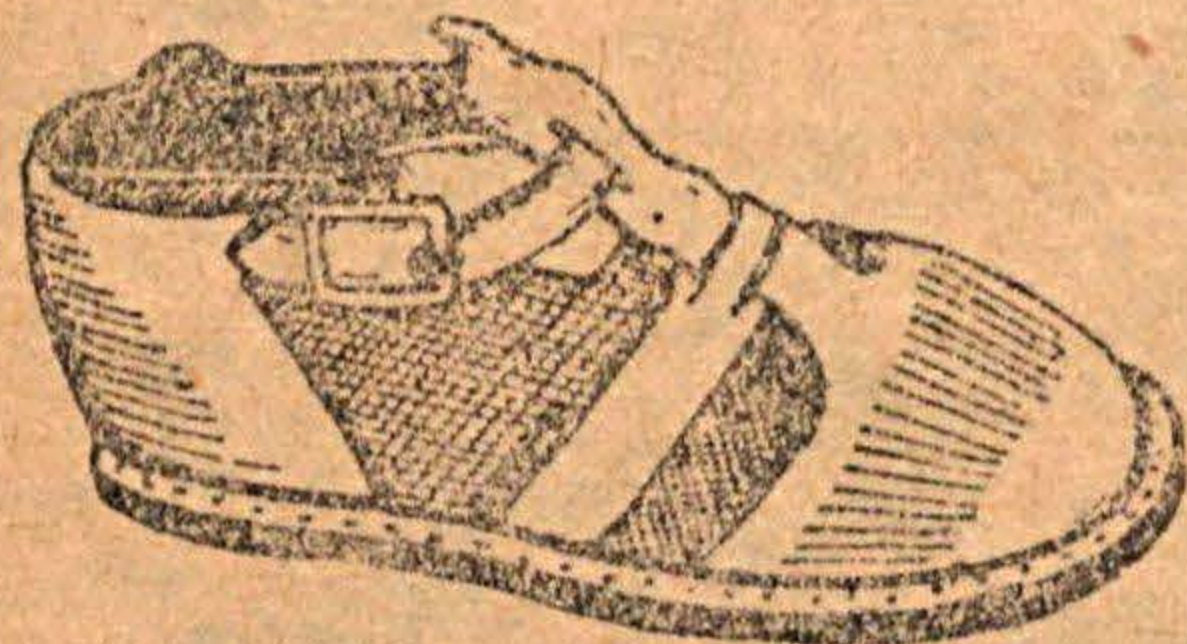
Casa Guiomar

Calçado "dado"

A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

AVENIDA PASSOS, 120—Rio

A CASA GUIOMAR lança no mercado mais uma
marca de sua criação



BA-TA-CLAN

Em vaqueta escura:

de ns. 17 a 26.....	5\$500
de ns. 27 a 32.....	6\$500
de ns. 33 a 40.....	8\$500

Envernizadas:

de ns. 17 a 26.....	8\$000
de ns. 27 a 32.....	10\$000
de ns. 33 a 40.....	12\$000

Pelo Correio, mais 1\$500 por par

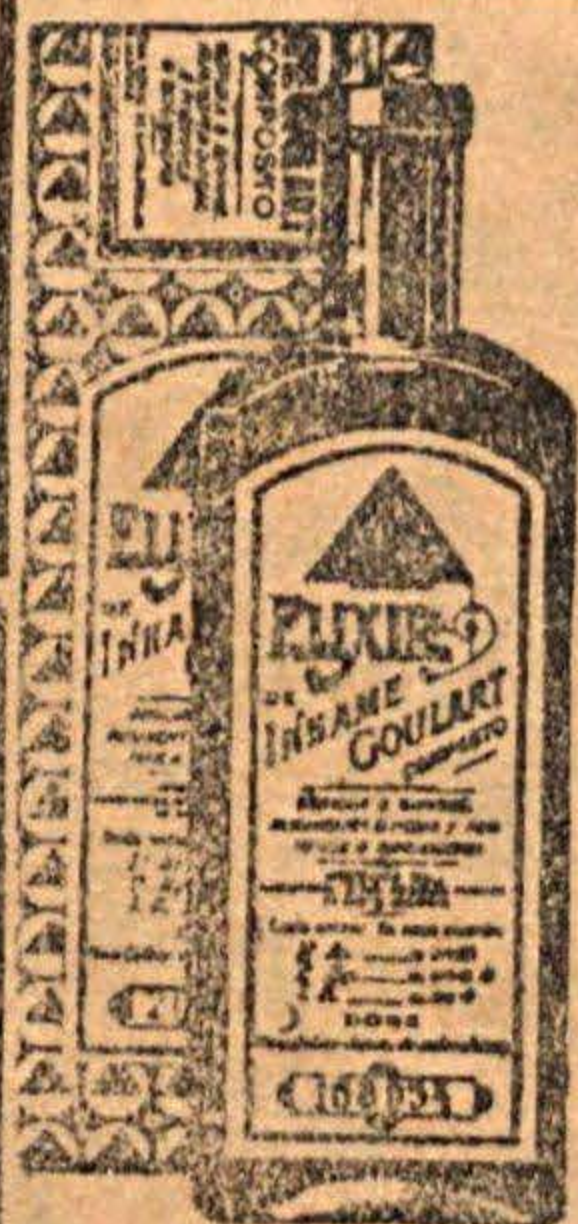
Remettem-se catalogos illustrados gratis para o
interior a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA

Chocolate e café Só ANDALUZA RIO DE JANEIRO

FABRICA

RUA DOS ANDRADAS



O que o doente sente
com o uso do «ELIXIR
DE INHAME»

Com o tratamento pelo
Elixir de Inhame, o doen-
te experimenta uma gran-
de transformação no seu
estado geral; o apetite
aumenta, a digestão se
faz com facilidade (devi-
do ao arsenico) a cor tor-
na-se rosada, o rosto mais
fresco, melhor disposição
para o trabalho, mais for-
ça nos musculos, mais re-

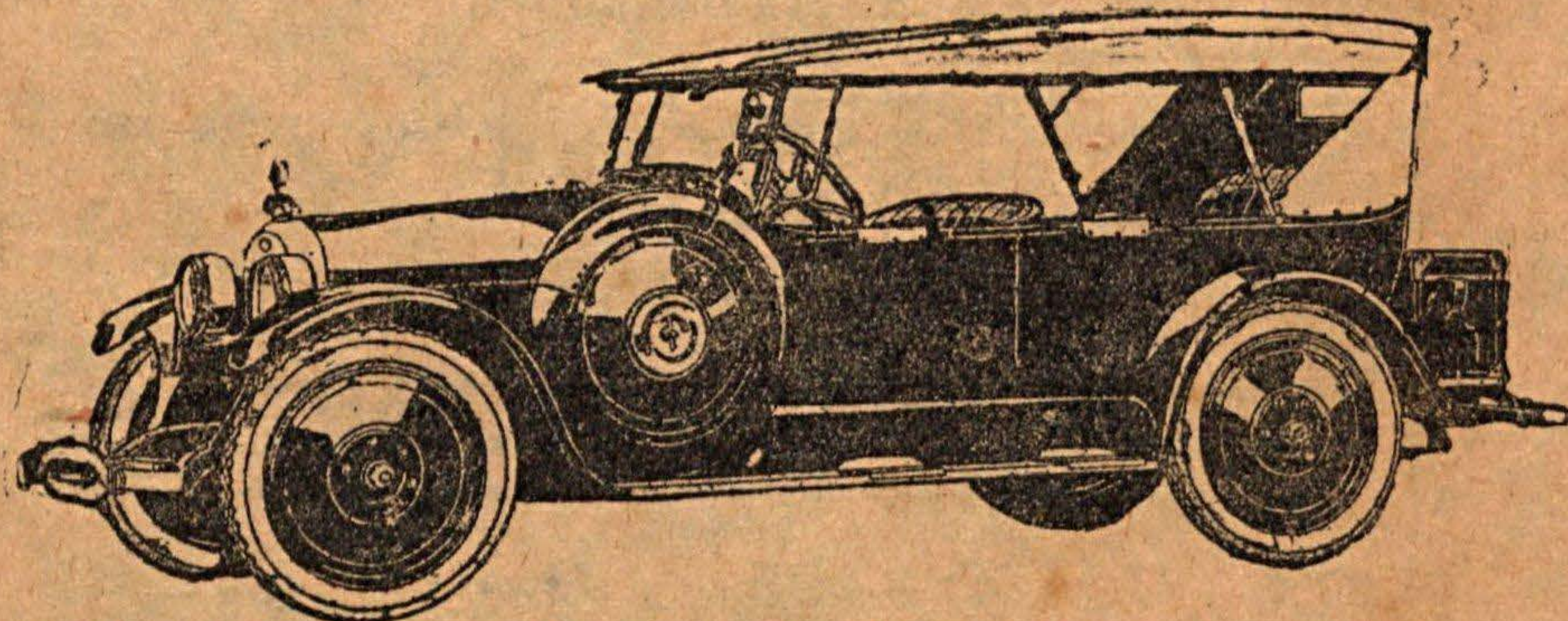
sistencia á fadiga e respiração facil. O
doente torna-se florescente, mais gordo e
sente uma sensação de bem estar muito
notavel.

Modo de usar : O Elixir de Inhame Goulart
deve ser usado na dose de uma
colher depois de cada refeição.

Depura - Fortalece - Engorda

«NASH» o carro ideal

Notavel pela sua belleza, força, commodidade, duração e economia.
O carro NASH é o que mais convem para o serviço da praça, não só pelas suas qualidades
como pelas vantagens que offerece aos chauffeurs e particulares
VENDA A LONGO PRAZO



OS NOVOS MODELOS DOS CARROS NASH DE 4 E 6 CYLINDROS

AUTO GERAL

Companhia Commercial e Maritima

RUA BENEDICTINOS, 1 a 7 — (Esq. da Av. Rio Branco) RIO DE JANEIRO

A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil

Sociedade de seguros sobre a vida
Sede social—Avenida Rio Branco 125 — Rio de Janeiro
(Edificio de sua propriedade)

Relação das apolices sorteadas em dinheiro em vida do segurado

74º sorteio—15 de Janeiro de 1925

182.687—João da Rocha Sotão.	Belém—Pará
111.740—Dr. Francisco Burzio	Ponta Grossa—Paraná
144.020—João Goulart Coelho.	Vianna—Maranhão
1º 97.418—Ricardo Liebmann	Fortaleza—Ceará
136.228—Helio Rosa	Porto Alegre—Rio Grande do Sul.
132.458—Antonio Becacici.	Victoria—Espírito Santo.
139.998—Heracito Lima	Penedo—Alagoas.
144.586—Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves.	Therezina—Piauí.
126.919—Fortunato Benjamin Saback	S. Salvador—Bahia.
126.954—José Augusto de Villar.	Idem—Idem.
119.684—Ignacio Jorge Nogueira.	Campos—E. do Rio.
136.511—Breno Vieira de Rezende	Sto. Antonio de Itabapoana—Idem.
128.528—João N. de Araujo Gama.	Entre Rios—Idem.
2º 102.937—Dr. José Camillo de Castro e Silva	Recife—Pernambuco.
102.279—Amarillo Rocha Souza	Idem—Idem.
136.836—João Francisco de Mello Cavalcant	Timbauba—Idem.
120.552—Vicente Augusto de Vaz Cerquinho	Recife—Idem.
143.756—Anselmo Ferreira Coelho.	Tiuna—Idem.
135.757—Dr. Antonio Procopio de Azevedo Junqueiro.	P. de Monte Santo—Minas (actual- mente em Santo Antonio Ale- gria, São Paulo
106.227—João Samuel Mundim.	Barbacena—Minas.
133.512—Raul Franco d'Almeida.	Bello Horizonte—Idem.
110.546—José Barbosa do Amaral.	Palma—Idem.
3º 124.608—Narciso Dias Rabello	Manhumirim—Idem.
130.151—Hemenegildo Vieira de Gouvêa.	Idem—Idem.
123.271—João Rodrigues de Souza.	Sant'Anna Manhuassú—Idem.
106.095—Getulio Silva	Bello Horizonte—Idem.
103.835—Alfonso Peixoto	Passagem—Idem.
104.911—Abilio Machado	Bello Horizonte—Idem.
4º 106.213—Alfredo Mario Guastini.	São Paulo—S. Paulo.
138.100—Manoel de Barros Loureiro.	Idem—Idem.
140.760—Roggieri Piero	Idem—Idem.
131.369—Belmiro Botelho Picerni.	Idem—Idem.
96.744—Dr. Sebastião de Toledo Barros.	Limeira—Idem.
138.905—Ignacio Ugaretti	Araraquara—Idem.
135.280—Jorge de Sá Rocha.	Santos—Idem.
137.282—Antonio Silva Parada	São Paulo—Idem.
132.158—Francisco Cesario de Souza	Pindorama—Idem.
138.145—Luiz Babbini	São Paulo—Idem.
137.865—Ettore Battiti.	Idem—Idem.
142.865—Antonio Theodoro do Prado.	Cerradão—Rio Preto—Idem.
130.452—Cesar Lacerda de Vergueiro	Santos. Idem.
139.327—Octavio Candido Gonçalves	Capital Federal.
141.682—João Gonçalves Vianna.	Idem.
144.501—Nespolo Carmini.	Idem.
5º 97.802—Domingos Baptista da Gama.	Idem.
144.040—Domingos Gonçalves da Rocha.	Idem.
99.761—Antonio Julio Nobrega.	Idem.
86.598—João da Silva Santos.	Idem.
139.925—Henrique de Souza Garcia.	Idem.
6º 95.730—Oscar Amarante Romaguera.	Idem.
143.700—Rubens Marques Perdigão.	Idem.
143.327—Armenio Tristão.	Idem.
144.044—Albino Lopes d'Almeida	Idem.
7º 87.911—Augusto da Silva Neves Filho.	Idem.
144.861—Arthur Hortencio Bastos	Idem.

1º—O Sr. Ricardo Liebmann, teve a sua apolice numero 129.644, sorteada em 15 de Julho do anno findo.

2º—O Sr. Dr. José Camillo de Castro e Silva teve a sua apolice n. 102.938, sorteado em 15 de Julho do anno
passado.

3º—O Sr. Narciso Dias Rabello teve a sua apolice n. 124.607, sorteada em 15 de Janeiro do anno findo.

4º—O Sr. Alfredo Mario Guastini teve a sua apolice n. 106.212, sorteada em 15 de Janeiro de 1920.

5º—O Sr. Domingos Baptista da Gama teve a sua apolice n. 97.804, sorteada em 15 de Janeiro de 1923.

6º—O Sr. Oscar Amarante Romaguera teve a sua apolice n. 95.729, sorteada em 15 de Janeiro do anno
passado.

7º—O Sr. Augusto da Silva Neves Filho teve a sua apolice n. 85.862, sorteada em 15 de Janeiro de 1913.

NOTA—A Equitativa tem sorteado, até esta data, 2.245 apolices no valor de 10.305.369\$500, importancia paga
em DINHEIRO aos respectivos segurados, continuando os mesmos em vigor com direito aos sorteios ulteriores.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 19

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional	\$600
2º Livro de Leitura	1\$000
3º Livro de Leitura	1\$000
4º Livro de Leitura	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia	\$60
2º Livro de Leitura	1\$50
3º Livro de Leitura	2\$50

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica	1\$500
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$000
O Livro de Leitura	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães	1\$000
Primeiras Leituras	2\$000
Leituras Moraes	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura	1\$500
Cartilha	1\$800
Leitura Preparatoria	2\$500
1º Livro de Leitura	2\$500
2º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	4\$000

JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	4\$000
Leituras Praticas	3\$000
Fabulas (em verso)	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria	2\$000
Leitura para o 2º anno	2\$500
Leitura para o 3º anno	2\$000
Leitura para o 4º anno	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias	2\$000
1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura	\$900
Novo 1º Livro de Leitura	1\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna	1\$000
Segundo Livro	1\$000
Segundo Livro	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler	\$500
2º Livro de Leitura	1\$600
3º Livro de Leitura	2\$000
Excursões escolares	1\$000

DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro	1\$500
Vida Infantil 2º Livro	2\$000
Vida Infantil 3º Livro	2\$000

COLLECÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro	1\$000
Novos principios de Leitura	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte	2\$000
Guia Infantil, as 2 partes	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte	2\$000
Compendio de Historia Sagrada	3\$000
Noções de Sciencias	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.)	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.)	6\$000
E. DE AMICIS — Coração	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios	3\$500
" " Patria Brasileira	3\$500
" " Theatro Infantil	2\$500

CORNAZ

As creanças e os animaes	1\$500
Novos Amigos	2\$070
CORREIA e BARRETO—Era uma vez	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares	2\$000
BILAC e BOMFIM—Leitura Comple- mentar	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar	3\$500

TANCREDO AMARAL

Livros das Escolas	3\$000
------------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional	6\$000
-------------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira	6\$000
---------------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos	3\$000
Selecta Classica	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico	3\$500
B. P. R.—Leitura Manuscripta	1\$500

A. BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infantis	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Creanças	2\$000
R. PUIGGARI—Album de Gravuras	2\$000

Remettemos o nosso catalogo gratis, para todo o Brasil